Cmp 21.7.35
Centro das Industrias do Est. de S. Paulo
R. S. Bento 47, sob.-S. PAULO - 31-12-39

Correio da Manhã

Fundador — EDMUNDO BITTENCOURT

DIRECTOR M. PAULO FILHO

ANNO XXX — N. 10.928
RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1930

Gerente — LUIZ AYRES
Avenida Gomes Freire, 81 e 83

DECORRE HOJE O CENTENARIO DE NASCIMENTO DE D. ANTONIO DE MACEDO COSTA, BISPO DO PARÁ E ARCEBISPO DA BAHIA

A sua actuação na "questão religiosa" levou-o á prisão na ilha das Cobras

A COMPLEXIDADE DO SEU SABER

Uma vida de abnegação em prol dos humildes e desamparados

Ha cem annos passados, na data de hoje, nascia, em Maragogipe, Estado da Bahia, Antonio de Macedo Costa, fadado a desenvolver depois um papel salientissimo, quer no mundo catholico, quer no das sciencias, das artes, das letras. A sua obra foi de uma fecundidade espantosa, a despeito de ainda hoje não estar claramente colligida e biblio-biographada. Sabe-se, porém, que a sua acção, desenvolvida principalmente na defesa da religião christã, a que elle servia com entranhado amor, despertou, por vezes, animosidades, a que, entretanto, se sobrepujava, por meio de epistolas, pastoraes, discursos e sermões que grandemente enriqueceram o patrimonio moral, social e religioso do paiz. Dotado de prodigiosa intelligencia, encyclopedista portentoso, era Antonio Macedo Costa possuidor de eloquencia extraordinaria, de espirito religioso extremado e de percuciente apprehensão das coisas, respondendo com rapidez desconcertante ao interlocutor ou adversario, sobre os assumptos mais diversos e complexos. Genio de sublimes irradiações, derramando a mais viva luz nos complicados problemas religiosos e sociaes, vontade firme, tenaz, inquebrantavel na realização de grandes obras, coração enriquecido pelos mais elevados sentimentos, que se traduziram na pratica da caridade a mais consoladora, assemelha-se, em sua estatura moral, a esses grandes apostolos e doutores da Egreja, que desde o nascimento da christandade conquistam a admiração do mundo. Orador sagrado, que deslumbrava pela eloquencia, pela elevação do pensamento, pelo criterio, dos conceitos pelo vigor e elegancia da phrase; escriptor notavel pelo mais correcto e apurado estylo; polemista de profunda dialectica e invencivel argumentação, philosopho e theologo inspirado, quando tinha de esclarecer questões controvertidas nestas duas importantes sciencias; literato de fino espirito e de incontestavel merito, o grande prelado da Egreja brasileira destacou-se no seu tempo como um vulto proeminente a quem a historia patria ha de tecer ainda mais merecidos louvores. Pena é que seus magnificos sermões, onde a dialectica mais profunda se allia a uma imaginação viva, brilhante e arrebatadora, não tenham sido publicados integralmente, porque seriam verdadeiras obras-primas da eloquencia sagrada.

D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará e arcebispo da Bahia

Na sua ardente caridade havia uma face em que mais se reflectia a luz do seu genio: era no amor para com seus orphãos desvalidos, na alma da salvação das almas, daquelles que no alvorecer da existencia foram privados dos cuidados paternos e maternos e que, entregues a si mesmos, sua vida seria uma noite erma de estrellas. Os asylos de Santo Antonio e Providencia, o primeiro para educação das meninas desvalidas, o segundo para educação de meninos indigenas, ainda hoje lá estão no Pará attestando o poder extraordinario do apostolo que, pobre, sem recursos, emprehendia longas viagens, recorrendo á caridade publica, arrancando á miseria, á indigencia e ao vicio centenas de innocentes, paar tornal-os bons fieis á Egreja, virtuosas mães de familia e bons cidadãos para a patria.

DADOS BIOGRAPHICOS

Não houve ainda quem se désse ao trabalho de formar uma biographia completa de d. Antonio de Macedo Costa. Com esforços inauditos, conseguimos reunir o que se segue.

Nascido a 7 de agosto de 1830, na cidade de Maragogipe, na Bahia, começou os seus estudos secundarios no Seminario dessa então provincia, quando ainda vivia o virtuoso arcebispo d. Romualdo Seixas, depois marquez de Santa Cruz. Partiu após para a França, onde em Bourges e no Seminario de São Sulpicio, em Paris, mereceu sempre a estima e consideração dos seus mestres e companheiros, pela sua elevada intelligencia e grandes virtudes.

Em 1853, escrevia o cardeal-arcebispo de Bourges sobre Macedo Costa estas palavras:

"Tendo Antonio de Macedo Costa, seminarista desta diocese, concebido a feliz idéa de terminar os seus estudos no grande seminario que vossa eminencia honra com a sua grande sabedoria e zelo pastoral, vendo eu que era sua intenção alargar mais a esphera dos seus conhecimentos e penetrar-se intimamente do espirito ecclesiastico que em todo o tempo e agora mais que nunca distingue da maneira a mais gloriosa o clero francez, com todo o gosto approvei um tão excellente projecto *como que já sabendo e antevendo os frutos que a Egreja da Bahia, e talvez de todo o Imperio,* colherá um dia, da admiravel e edificante educação ecclesiastica que o mesmo meu seminarista actualmente recebe sob os auspicios de tão insigne prelado."

A esta carta prophetica respondia o seminarista de Bourges nas seguintes palavras:

"Não foi Elle (Deus) que me inspirou a idéa de deixar patria e familia, para vir a este bello paiz de França adquirir alguma sciencia, e, sobretudo, formar-me no isolamento do exilio, nesta vida toda de abnegação e sacrificios, e nesses costumes puros e verdadeiramente ecclesiasticos que distinguem o clero francez e lhe attráem, hoje em dia mais que nunca, a veneração do mundo?

Graças lhe sejam dadas, exmo. sr., que até aqui parece o mesmo Senhor ir favorecendo os meus designios."

Em 1855, começou o seu tirocinio sacerdotal, recebendo a santa tonsura a 2 de junho na Egreja metropolitana de Paris.

Em 17 de maio de 1856, recebeu os quatro gráos de ordens menores, e a 20 de dezembro, o subdiaconato, a 5 de junho de 1857 o diaconato e a 19 de dezembro o presbyterato, sendo arcebispo de Paris monsenhor Moslat, depois cardeal.

D. Antonio partiu em seguida para Roma, em cujo seminario de Santa Clara e do Coração de Maria, frequentando a academia de Santo Apollinario, recebeu os gráos de bacharel em canones em 28 de junho de 1859, e os de licenciado e doutor na mesma faculdade.

Distinctissimo logar occupou Macedo Costa na academia, sempre respeitado e admirado por seus mestres e condiscipulos.

Voltando para o Brasil, d. Pedro II nomeou-o bispo do Pará, acto confirmado por Pio IX a 20 de dezembro de 1860. Foi sagrado a 21 de abril de 61, na capella imperial de Petropolis pelo arcebispo de Athenas, d. Mariano Fateielli, internuncio apostolico, por procuração do arcediago Saymundo Severiano de Mattos, vigario capitular; tomou posse do bispado em 22 de maio de 61 e chegado á diocese a 14 de julho do mesmo anno, fez a sua entrada solenne a 14 de agosto.

Abriu logo a visita pastoral em toda a diocese, que comprehendia o Pará e o Amazonas, indo até aos confins do Madeira. Começou a reforma do seu seminario e mandou paar a Europa alumnos que, voltando sacerdotes, exerceram o apostolado.

Defensor acerrimo dos direitos da Egreja, depois de ter publicado a obra "Pio IX, Pontifice e Rei", dirigiu ao imperador, em julho de 1863, uma memoria contra o decreto de 2 de abril daquelle anno, por invadir as attribuições episcopaes no ensino dos seminarios.

Lutou durante annos sustentando as prerogativas ecclesiasticas contra o que acreditava ser a usurpação dellas pelo poder temporal, facto que ficou registrado nos annaes historicos do Brasil e no qual ficaram accentuadas a firmeza de convicções e a dignidade do illustre prelado.

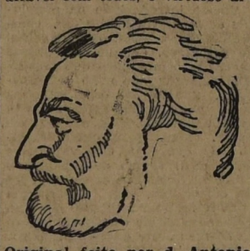
Nesta questão, teve d. Antonio grandes triumphos e os dois livros que publicou depois sobre a "Missão Penedo" muito concorreram para a sua elevação no conceito geral. As suas pastoraes são a brilhante manifestação de sua privilegiada intelligencia e dos seus profundos conhecimentos e estudos. Só a narração das suas muitas pastoraes seria sufficiente para glorificar o seu nome.

O Asylo de Santo Antonio, dirigido por irmãs Dorotéas, e o Instituto Providencia, para ensino e educação de creanças, foram por elle fundados.

Saiu varias vezes de sua diocese, vindo a esta capital, percorrendo diversos pontos de São Paulo e Minas, indo tambem á Europa e tomando parte no concilio do Vaticano, em que tão notavel se tornou. Na guerra do Paraguay, estando na Europa, e tendo ali apparecido alguns escriptores contra a nacionalidade brasileira, d. Antonio saiu a campo e pulverizou os calumniadores. Quando no Parlamento se tratou da liberdade e egualdade dos cultos, dirigiu em 1888 uma Memoria á Camara dos Deputados, que foi mais uma prova do seu grande talento. Para a construcção do "Christofôro", afim de levar a fé aos gentios, fez a conferencia intitulada "Amazonia", que é em todos os sentidos um primor. Amando as bellas artes, d. Antonio tinha grande predilecção pela musica e ha muitas e lindas composições suas. A cathedral do Pará mereceu-lhe especial cuidado: reformou-a completamente, dotou-a dos mais bellos paineis e o altar-mór é uma admiravel peça architectonica no genero. As festividades religiosas eram celebradas com a maior pompa. Orador convicto e fluente, as suas praticas e sermões impressionavam sempre o auditorio, que via no sacerdote o apostolo convencido das doutrinas que prégava. Incommodos de saude mais ou menos graves obrigaram-no a sair de sua diocese para procurar allivio em outros pontos do Brasil, preferindo quasi sempre o Estado de Minas. Apezar disso, porém, nunca deixou o seu posto, prompto sempre para a defesa das doutrinas que sustentava com o maior ardor e ás quaes consagrou quasi toda a existencia. Pouco depois da proclamação da Republica e quando já separada a Egreja do Estado, foi pelo Papa Leão XIII nomeado arcebispo da Bahia, indo á Europa depois dessa nomeação entender-se com Sua Santidade.

De volta á patria, não lhe permittiram os incommodos de saude tomar posse do elevado cargo. Mezes antes da sua morte, escreveu a representação que foi assignada por todos os bispos e dirigida ao Congresso Nacional contra a privação do direito de voto ao clero, notavel documento que por si só firmaria a sua reputação, se já a não tivesse por tantos outros titulos.

De physionomia agradavel, atráente e expressiva, delicado e affavel com todos, o virtuoso arcebispo era grandemente respeitado e bemquisto, fazendo os seus adversarios a devida justiça aos seus elevados meritos e dotes.



Original feito por d. Antonio

A QUESTÃO RELIGIOSA

Extremando-se nas suas idéas religiosas, d. Antonio de Macedo Costa tomou parte activissima no conflicto religioso de 1873 a 1875, sendo condemnado pelo Superior Tribunal de Justiça a quatro annos de prisão, recolhido á fortaleza da ilha das Cobras, e onde, poucos mezes depois, saiu em virtude do perdão da Corôa.

Nesta grave questão, foi sempre apoiado e acompanhado por frei d. Vital Maria de Oliveira, bispo de Olinda, que com elle foi recolhido á prisão.

Durante o tempo em que permaneceu prisioneiro do Estado, d. Antonio de Macedo Costa entregou-se, como sempre, ao cultivo das letras, produzindo a exortação "Vxilla Régis", até agora inédita e que damos a seguir:

VIXILLA REGIS!...

I

Eil-o que apparece, eil-o que avança majestoso para a conquista do Universo o estandarte do Rei eterno, do Christo Salvador! Eil-o que fulge sobre as eminencias do mundo e da historia o mysterio sublime da Cruz! *Vixilla Régis prodeunt, fulget Crucis mysterium!*

Mortal! curva-te em silencio e adora!

Como cessava outróra o estrugir das batalhas ao feliz annuncio da tregoa de Deus, cessem agora as lutas das paixões mundanas ao brado amoroso que lança á humanidade redimida a Cruz nÚa do Calvario.

Interrompam-se um instante ao menos, este afan dos negocios, esta dissipação dos prazeres, este tumulto dos interesses, estas vigias da politica, estes horrores do crime; e todos juntos, com a compuncção no coração e as lagrimas nos olhos, curvemo-nos silenciosos deante da Cruz da Redempção.

II

Vêde-a em pé, no meio das trevas da noite, ainda banhada em sangue, no tope solitario da montanha.

Que espectaculo offerecia o mundo naquella triste noite que seguiu ao deicidio!

Uma cruz de páo coberta de sangue, um cadaver dentro de um sepulchro, eis tudo o que restava de Jesus!

A fé de sua missão divina bruxuleava apenas, como debil luz prestes a extinguir-se, no coração de alguns discipulos timidos, desalentados, descrentes; e se não fôra sua Mãe, em cujo coração afogado em magôas nunca desmaior á crença viva de sua divindade, pudera dizer-se que a Egreja de Jesus com elle expirára!

Satan, vendo este destroço da obra de Deus, acreditou no triumpho certo da sua, e regosijou-se. "Venci! disse. A humanidade está emfim á meus pés. Aqui Jerusalém, ali Athenas, além Alexandria, mais longe Roma... Por toda parte a oppressão da força bruta, a orgia do sensualismo, o imperio da fabula, o gosto do sangue, a degradação do homem, o desprezo de Deus.

"Que redempção póde sair deste patibulo?

"Que vida póde irradiar-se daquelle sepulchro?..."

Assim falou, e revolutando com a rapidez de pensamento em torno do globo, como para percorrer seu dominio, perdeu-se na escuridão do espaço, soltando uma gargalhada convulsa.

Enganára-se o enganador!

Não leu, não soube ler a Cruz; não póde decifrar aquelle hyeroglipho divino!

III

O que significava aquella Cruz ensanguentada no cume do Calvario?

Significava que o grande sacrificio da nova alliança estava consummado.

Que a humanidade tinha emfim uma victima de valor infinito que por ella se immolára, prégando naquella Cruz a cedula de sua condemnação.

Victima santa! Hostia immaculada! Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo!

Significava que aquella victima divina, que era o Verbo de Deus feito homem, era ao mesmo tempo o Sacerdote eterno, segundo a ordem de Milchisedeck.

Que assim como o Pontifice da antiga alliança uma vez no anno entrava no Santo dos Santos, borrifando-o com o sangue dos animaes immolados, assim o Christo, Pontifice dos bens futuros, depois de obtida com seu sangue á eterna redempção, entrava em mais amplo e perfeito tabernaculo, que é a gloria de Deus, para lá conservar sua humanidade em perpetua immolação deante da majestade infinita de Deus Pae, servindo-se della o Verbo Sacerdote como de um orgão harmonioso donde exhala eternamente a adoração, o louvor, a acção de graças, a supplica, todas as homenagens e deveres do culto mais puro, da religião mais perfeita, a que se unem todas as puras creaturas no céo e sobre a terra.

Significava que o genero humano já não podia, portanto, por si só, e a seu arbitrio adorar a Deus; mas era obrigado a unir-se ao verbo immolado, a este unico Religioso de Deus, a este unico Adorador em espirito e Verdade, não havendo outro culto, outra Religião no céo e sobre a terra, senão o culto e a Religião mesmo de Jesus Christo, objecto das eternas complacencias.

IV

O que significava ainda aquella Cruz de páo, toda banhada em sangue no cimo do Golgotha?

A altura impenetravel do Sacramento da Cruz! mysterio da Sabedoria infinita escondido aos sabios e revelado aos pequeninos!

Significava que unida a humanidade a este sacrificio do Christo, que se perpetuaria de modo incruento sobre os altares da Egreja até o fim dos seculos, e participando ella da victima divina na communhão deste sacrificio, vinha ahi alimento celeste para desenvolver a vida divina que lhe fôra enxertada no baptismo, isto é, o meio de regenerar-se, de puurificar-se, de viver da vida pura do Christo, como o ramo da vida vive da seiva que recebe da cêpa, vida sobrenatural, vida de fé, vida verdadeiramente *christã,* que está tão acima da vida de instincto, que é a dos animaes, tão acima da vida da razão, que é a dos philosophos, quanto o céo está acima da terra.

Aquella Cruz nÚa do Filho do Altissimo está lançando ao mundo este prégão assombroso!

"A verdadeira grandeza está na humildade; a verdadeira victoria na paciencia; a verdadeira felicidade no sacrificio; a verdadeira riqueza no desapego de tudo; o verdadeiro lucro em dar aos necessitados; a verdadeira gloria no soffrimento; a verdadeira realeza no serviço de Deus; o verdadeiro progresso na renuncia de si; a verdadeira liberdade na sujeição ao dever; o verdadeiro gozo na immolação das paixões; a verdadeira habilidade na simplicidade do coração; a verdadeira nobreza na pratica da virtude a verdadeira sabedoria na loucura da Cruz!"

O espirito soberbo de Satanaz não comprehendeu este mysterio ineffavel da Redempção do mundo pela humildade do Sacrificio!

Não comprehendeu que aquella Cruz de madeira resumia um mundo! o *mundo christão,* isto é, um mundo de almas castas, simples, humildes, pias, mortificadas, caridosas! — Um mundo novo, estranho, desconhecido das antigas philosophias, um complexo pasmoso de deveres novos, de novas relações com Deus e com os homens, de maximas extraordinarias que atordoam, que desconcertam a razão, que pareciam mesmo rematada loucura ao judeu e ao gentio, mas que são a sabedoria mesma de Deus, revelada aos humildes no mysterio da Cruz!

Ai! e quantos entre os mesmos christãos ignoram esta philosophia sublime!

Quantos não comprehendem a verdadeira significação do mysterio da Redempção do mundo, pensando que esta redempção consiste apenas na liberdade dada pelo christianismo aos povos, na dignidade da mulher, na emancipação dos escravos, e em outros effeitos puramente extrinsecos e accidentaes produzidos na ordem social!

V

Levanta-te, ó Cruz, na tua sublime realidade, sobre os espiritos e os corações de todos os homens!

Levanta-te, lenho sacrosanto, Cruz gloriosa, a cujo poder nada resiste!

Tu que appareceste, objecto de horror e de ignominia, no alto do Golgotha, e após trezentos annos de lutas e embates crueis, affrontando as tempestades, que levantaram contra ti todas as superstições, todos os preconceitos, todos os despotismos, te ergueste radiosa e triumphante sobre a vasta peanha do Capitolio, marcando o centro da universal civilização;

Tu que viste a teus pés humilhada a majestade dos Cezares e todas as pompas do paganismo;

Tu que viste mansas, á tua sombra, as hordas barbaras do septentrião;

Tu que quebraste a furia e fizeste recuar espavorida a brutalidade dos filhos do Alcorão;

Tu que assombraste, Cruz bemdita, o berço das nações modernas, e lhes déste todo o esplendor da sua grandeza e da sua gloria;

Tu que viste arquejar importantes, e expirar successivamente deante de ti todos os schismas, todas as heresias, todas as impiedades, todas as injustiças, todas as usurpações, todas as violencias, todas as immoralidades, todos os dilirios, todas as revoluções!

Oh! Cruz immortal! levanta-te sobre o mundo presente, dominado pelo mais abjecto naturalismo, e encaminha estas sociedades contemporaneas, tão revoltas e desvairadas, á paz tranquilla de seus verdadeiros destinos!

E os seculos assombrados, vendo tua força Divina, ó Cruz da Redempção! vendo o poder immenso que te sustem immovel acima das revoluções dos povos e das ruinas, dos impios, cairão de joelhos exclamando:

"O Christo Deus reinou do alto da Cruz: "Regnavit a ligno Deus!"

(Rio, 25 de março de 1875).

* *

"Por ti são os peccadores perdoados, e em ti são justificados. O mundo e mti emparvoece e se confunde, a soberbá em ti é derribada, e a humildade coroada.

"Tu confirmaste os Apostolos, consagraste os Martyres; santificastes todos os justos; alegras os Anjos, sustentas e accrescentas a Egreja, e povoas o Paraiso.

"Tu no dia de juizo virás deante de Jesus, para gloria de seus amigos, e perpetua confusão de seus inimigos. (Thomé de Souza).

Oh Cruz! oh Cruz santissima! Abraço-te, como a esperança unica do meu desterro — como meu pharol no meio das trevas, como meu melhor conforto nas atribulações, como minha segurança nos perigos, como meu alento nos trabalhos, como meu amparo nas precisões, como minha força nos desalentos, como o penhor preciosissimo de minha eterna bemaventurança.

Abraço-te, e não te largarei mais, Cruz da Redempção! Acompanhar-me-ás sempre durante a vida. E quando no leito da morte, meus labios lividos já não puderem proferir palavra alguma, collem-se elles mudos sobre ti, Cruz bemdita de meu Jesus! e exhale em teus braços esta alma que em ti foi remida.

E sobre a humilde loisa que cobrir meus restos, levanta-te ainda, oh Cruz! como o signal de minha futura resurreição!

(Abril 1879).

OUTRAS VERSÕES: A "ROSA DE OURO" E O CARDINALATO

E' comprehensivel que se tenham formado lendas em torno de uma existencia tão atribulada como a de d. Antonio de Macedo Costa, tanto mais que, como já accentuámos, a sua biographia é ainda precaria.

Affirma-se, assim, anonymamente, que havia sido proposta ao imperador a concessão do titulo de duque de Belém para don Antonio de Macedo Costa. Mas d. Pedro II respondera:

— Um sentenciado não póde fazer parte da côrte imperial!

Tempos depois, o Papa concedeu á princeza do Brasil, a dadiva da "Rosa de Ouro", com que abençoava a monarchia. Foi, então, d. Antonio de Macedo Costa, convidado pelo imperante para fazer o discurso de entrega da munificencia de sua santidade. Mas, d. Antonio, por sua vez, objectou:

— Um "sentenciado" não póde discursar num acto da côrte imperial!...

Outra versão, tambem anonyma, adeanta que o Papa pretendia sagrar d. Antonio cardeal, já o considerando cardeal "in petto". D. Pedro II, porém, vêtára a indicação e dahi a luta que o arcebispo sustentou contra a corôa.

Nenhum dos dois casos, entretanto, é affirmado por qualquer autoridade insuspeita, pois, no primeiro, no da "Rosa de Ouro", a lenda parece mesmo ser só lenda, visto como foi realmente don Antonio de Macedo Costa o orador daquella solennidade, pronunciando memoravel discurso, em que predisse a implantação da Republica. No segundo, considerado cardeal "in petto", só não foi sagrado por uma das duas unicas razões acceitaveis: quéca do gabinete Ouro Preto ou em virtude da propria morte de d. Antonio de Macedo Costa, que occorreu no dia 21 de março de 1891, na cidade de Barbacena, Minas Geraes.

Registramol-as apenas como subsidio para o seu futuro historiador ou biographo.

SOCIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

Em 1888, foi d. Antonio acclamado socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Verificou-se a sua recepção na sessão de 11 de outubro de 1889, quando elle pronunciou o seguinte discurso:

Senhor! Senhores!

Se não fossem as alternativas crueis de uma saude enfraquecida, de ha muito teria eu vindo pressuroso trazer ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro a expressão do meu reconhecimento pela insigne honra, que me fez, nomeando-me seu socio-correspondente, honra contra a qual se insurge, não a minha modestia, mas o sentimento intimo de minha insufficiencia.

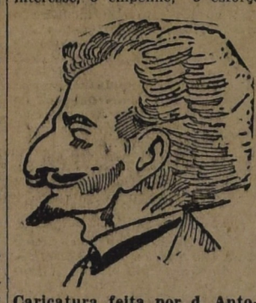
Não cuideis porém, que venho mover litigio comvosco por causa desta vossa generosa injustiça. Venho pelo contrario justifical-a. Sem duvida quizestes honrar em um obscuro representante do clero brasileiro contemporaneo os insignes dotes daquelles varões eruditos e tão benemeritos da Egreja como do Estado, que outróra, e desde a origem deste Instituto, se associaram comvosco na obra da sciencia, escopo de vossas locubrações. Todo o incremento dos estudos referentes ás nossas causas patrias, todo o esforço para tiral-as da *criminosa obscuridade em que jaziam* tem partido principalmente daqui, deste fóco luminoso, deste gremio sabio, que se tem tornado por isso benemerito do paiz e uma das glorias delle no estrangeiro.

E' úma verdade, que a critica imparcial não poderá desconhecer. Mas não o é menos a animação que tem dado ao nosso honroso labor muitos distinctissimos membros do clero catholico.

Desenho de um camponez feito por d. Antonio

Descabido fôra, e até porventura indiscreto, pôr-me eu, agora aqui recem-chegado, a rememorar-vos esses nomes gloriosos do que se ufana o Instituto, e que tendes ouvido tantas vezes preconizar neste recinto. Mas um quanto por delicada descripção me calo, a historia vae dando testemunho de um conego Januario da Cunha Barbosa, um dos vossos egregios fundadores, de um Romualdo Antonio de Seixas, o immortal arcebispo, de um conego Gonçalves dos Santos, valentissimo polemista, de um d. Manoel do Monte, preclaro bispo do Rio de Janeiro, de um d. José Affonso, meu veneravel predecessor, de um Fr. Mariano Vellozo, de um Francisco de Mont'Alverne, de incitos cardeaes como Mezzofanti e Pacca e tantos outros varões, insignes por letras e virtudes, que brilham como estrellas refulgentes no firmamento do Instituto.

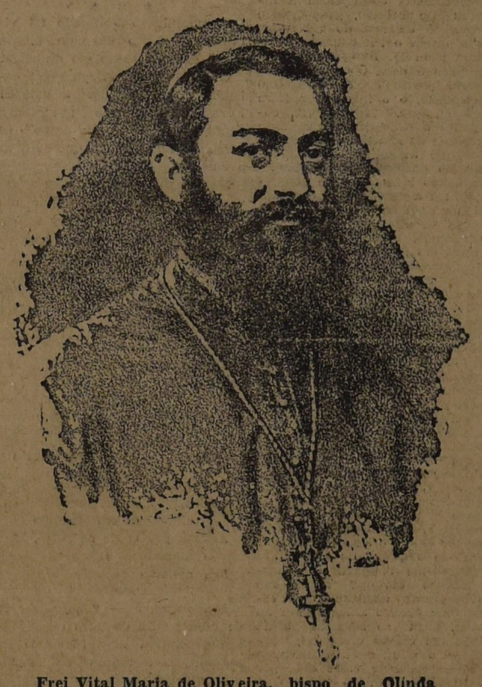
O que vem o humilde bispo do Pará aqui fazer depois delles? Trabalhos que levassem um pouco mais de luz ás nossas origens, a esses tempos da nossa formação nacional ainda insufficientemente estudados, esses seriam em verdade muito do meuu gosto e ao sabor das tendencias do meu espirito; se m'os consentissem, como os lembrados agora pelo nosso egregio presidente, os cuidados absorventes do ministerio aposetolico, as forças decadentes de quem vae já bem entrado pelos annos. Em todo caso minha presença aqui servirá para alguma coisa, senhores; servirá para attestar a solicitude que em todos os seculos tem tido a Egreja pela diffusão das luzes, pela propagação das sciencias; o interesse, o empenho, o esforço constante com que ella acompanha e anima as explorações do espirito humano em todas as provincias do saber.



Caricatura feita por d. Antonio Macedo Costa

Vós conheceis melhor do que eu, que se uma ponta nos liga ao mundo literario e scientifico da antiguidade, á Egreja Catholica a devemos; que foi no interior dos claustros que se manteve acceso no seio da geral escuridão o lume sagrado, que devia depois irradiar-se com tanto esplendor no meio das nações modernas.

Foi a Egreja, arrastando campos, abrindo estradas, lançando pontes, multiplicando escolas, erguendo por toda parte lyceus e universidades, com uma profusão que espanta, que preparou e desenvolveu o grande movimento da civilização christã na Europa e no mundo.



Frei Vital Maria de Oliveira, bispo de Olinda

O que está fazendo neste momento o sabio Leão XIII para fomentar e desenvolver o gosto dos estudos historicos, franqueando á commissão de sabios escolhidos por elle, entre varias nações, archivos preciosos, até aqui quasi inaccessiveis, é obra colossal de efficiencia immensa sobre o progresso da mentalidade humana, e que dá testemuho ainda uma vez da fidelidade com que se conserva na Egreja a tradição do amor á sciencia, sobretudo ás sciencias historicas.

Assim explicada a minha presença aqui, é-me facil desinteressar-me pessoalmente da grande e immerecida honra, que me conferistes. Fico ufano, senhores, de representar a hyerarcnia catholica no seio desta sabia corporação; ao mesmo tempo que me humilho e confundo de não poder corresponder, como devera, á vossa confiança e gentileza. Podeis todavia contar com a minha boa vontade e dedicação."

VERDADEIRO FUNDAMENTO DO DIREITO

Sob esta epigraphe, escreveu d. Antonio de Macedo Costa um capitulo no seu livro "O direito contra o direito". Por elle se vê a alta concepção que o bispo do Pará tinha sobre as questões de direito, ainda que não fosse esta a sua especialidade profissional. São conceitos que não queremos deixar de registrar aqui, tão opportunos hoje como hontem:

O homem foi creado para a sociedade. O não poder elle sustentar-se na vida, se ao nascer e por longos annos não tivesse o conchêgo e amparo da familia; o estar sujeito a tantas precisões a que não pudera, elle só, satisfazer; o ser dotado de uma natureza perfectivel, que requer, para desenvolver-se, o attricto social; a palavra, emfim, dom sublime, que está requerendo o urbano trato e amavel convivencia com seus semelhantes, tudo isso põe a claro e fóra de toda duvida que o homem é creado para viver na multidão.

E' pois, não arbitrariamente, mas pela lei mesma da natureza humana que se fórma a familia, a cidade, a nação, a humanidade.

Se, porém, como ente social e politico, precisa viver na multidão de seus semelhantes afim de que um seja ajudado pelo outro, e todos se conservem, se desenvolvam e se aperfeiçoem segundo sua dupla condição de entes espirituaes e corporeos, dahi se colhe, como observa São Thomaz, que é necessario haja entre os homens alguem por quem seja regida a multidão. Pois, existindo muitos homens reunidos, e cada qual fazendo o que bem lhe parecesse, a multidão dispersar-se-ia, se não houvesse alguem cuidando do bem commum; assim como tambem o corpo do homem e de qualquer animal se dissolveria, se não houvesse uma força regulativa commum no corpo, que não procurasse o bem commum de todos os membros. O que considerando Salomão, disse: "Onde não ha governador, o povo se dissipará." E é razão succeda assim; pois o *proprio* não é o mesmo que o *commum;* segundo o *proprio,* os entes differem, segundo o *commum* se unem; e como são effeitos diversos, devem tambem ser coisas diversas. E' pois necessario que além do que move para o bem proprio de cada um, haja uma coisa que mova para o bem commum de muitos. Por isso, em todas as coisas que são ordenadas para a unidade, achase sempre um principio governativo (*De Regimine Principum*).

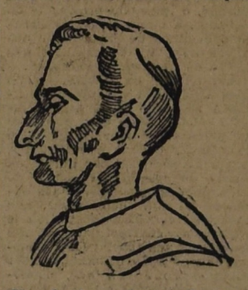
Até aqui o insigne doutor São Thomaz.

Ahi temos, pois, o homem pela lei mesma de sua natureza, constituido em sociedade e sujeito a um governo.

O que é, porém, esta lei, tendencia ou movimento natural, espontaneo, irresistivel, que leva o homem á vida social, e o submette ás condições della, senão a ordem e a vontade mesma de Deus? Pois assim como a sabedoria infinita do Creador ordenou os corpos celestes de modo que uns obedecessem ás attracções e influencias dos outros, os satelites aos planetas, os planetas ao sol, o sol a outros centros luminosos e estes novos centros a outros ainda, e todos, muito provavelmente, a um centro commum que reduz o Universo physico á unidade; assim tambem esse mesmo poder e sabedoria infinita do Creador estabeleceu que o mundo moral, composto de creaturas racionaes e livres, estivesse ordenado em diversas harmoniosas dependencias, os filhos obedecendo aos paes na familia, os cidadãos obedecendo aos magistrados na cidade, as familias e as cidades, obedecendo ao imperante na nação, e todos juntos, na grande communhão da humanidade regenerada pelo Christo, obedecendo em tudo a Deus, principio e fim, fundamento e ápice de todas as coisas, em quem todo o universo physico e moral se consumma na mais perfeita unidade.

Tirae do universo physico a vontade ou a lei sapientissima do Creador que poz os innumeraveis mundos e todos os elementos delles em certas e determinadas condições de existencia, regulando-lhes a marcha, as distancias, as influencias e relações harmoniosissimas; e todo esse universo se reduz no mesmo instante a um cháos medonho, e o conceito mesmo de ordem, de harmonia, de equilibrio, de belleza physica se apaga no espirito humano. Tudo isso depende tão essencialmente da vontade ordenadora e sapientissima do Creador que, sem essa nada disso poderá existir, nem mesmo conceber-se.

Do mesmo modo, supprimi a vontade ordenadora e sapientissima de Deus no mundo moral, negae a ordem, a lei eterna por Elle estabelecida para que as intelligencias livres se liberem em perfeita harmonia, como os astros nos céos: toda a sociedade humana subverte-se, todas as relações se confundem, tudo é tyrannia ou anarchia, e a concordia civil, a paz, o progresso e a perfeição social nem sequer se pódem mais conceber, quanto mais realizar!



Um frade caricaturado por d. Antonio

Egregiamente Cicero, com ser pagão, nas seguintes palavras:

"Nada em verdade, diz elle, é tão proprio como o poder, a autoridade (*imperium*), quero dizer a lei, para o direito e boa ordem da natureza: sem o que, nem uma casa, nem cidade, nem nação, nem todo o genero humano, nem os elementos da creação, nem mesmo o universo, pódem subsistir. Porque tambem este obedece a Deus, e a Deus, obedecem os mares; e as terras e a vida dos homens estão sujeitas aos mandados da sua eterna lei.

Portanto, para todo homem que conserva intactas suas faculdades mentaes, e não se deixou dominar da demencia do atheismo, a *lei eterna,* que *é a razão ou a vontade de Deus mandando que a ordem natural seja conservada, e prohibindo que seja perturbada,* é a base de toda a organização material e moral do mundo, e fóra dahi, só ha a desordem e a anarchia.

Ora, imaginae — o que até imaginado causa espanto — que lograsse, ao menos, por algum tempo, o alvedrio humano modificar a seu sabor a ordem dos elementos e dos corpos celestes; e que, assim como foi entregue o mundo ás disposições dos homens, como dizem as Santas Escripturas, assim o fosse até certo ponto ás caprichosas vontades dos mesmos homens. Aquelle luminoso exercito dos astros, que desfila em tão maravilhosa ordem, debaixo dos olhos do Omnipotente, ver-se-ia logo debandado e em pavorosa confusão... As mais afastadas estrellas seriam intimadas a virem responder mais perto ás curiosas interrogações da sciencia; estes planetas desfavorecidos, aquelles modestos satellites, passariam a centros dominadores e os mais brilhantes sóes a satellites ou planetas. Cruzar-se-iam, encontrar-se-iam pelos immensos caminhos do espaço, em temerosa confusão, aquelles orbes celestes, escapados de suas orbitas, e correndo adoidados em varias direcções para obedecer aos caprichos dos homens. A estes aprazeria remover para mais longe o sol, para abrandar-lhe os ardores; áquelles approximal-o para não gelarem de frio. Uns quereriam retardar a rotação da terra para alongar as horas do lucrativo labor; outros, precipital-a, para terem mais depressa as silenciosas horas do descanso.

A temperatura a cada instante variaria; variariam todos os dias as marés; e cada anno, não só variariam, senão se confundiriam completamente as estações, de modo a tornar impossivel toda vida vegetal e animal sobre a face da terra. Emfim, não haveria mais em todas as coisas da natureza nem ordem, nem formosura, nem lei, nem regularidade, mas, desordem, deformidade, confusão, ruina, e o mundo não seria mais mundo, senão espantoso cháos. E por que? Porque a vontade de Deus, a lei de Deus, o *direito divino* por que se regula a creação material foram, por hypothese, substituidos pelos caprichos e invenções do homens.

Por esse poder que Deus não quiz dar ao homem sobre o mundo physico, deu-o, até certo ponto — tal é o alcance tremendo da liberdade! — sobre o mundo moral e social. O homem, que não póde remover ou extinguir um astro, póde combater uma idéa e apagar nas almas um principio. Póde perturbar a ordem das relações sociaes, desconhecer inteiramente a vontade do Creador, a sua lei, o *direito divino* em summa, para fundar exclusivamente a sociedade na vontade do povo soberano, em pactos e convenções de maiorias, em uma palavra, no *direito puramente humano.* E este transtorno, esta subversão, este revolvimento da sociedade desde seus fundamentos, arrancando-a da base granitica do direito divino, para pôl-a sobre a areia movediça da vontade humana ou *contrato social* de Rousseau, é o que se chama com toda a propriedade a Revolução. A Revolução é a sociedade levando Deus pera as fronteiras, e lá despedindo-o polidamente, como sendo de ora em deante inutil; é a sociedade querendo achar em si propria, sua suprema lei, seu fim, sua felicidade; é a declaração dos *direitos do homem,* sem nenhuma menção e com claro menoscabo dos *direitos de Deus;* em outros termos, como a define o sabio Stahl, professor protestante da Universidade de Berlim: "A Revolução é a constituição do Estado publico pela vontade do homem, excluso o direito divino; é a doutrina que tira toda autoridade não de Deus, mas do homem ou do povo; ensinando, em uma palavra, que não são os mandamentos divinos que devem dominar a sociedade, mas a vontade arbitraria dos homens e dos povos."

Em summa, syntheticamente, é o esforço satanico para constituir a sociedade sem Deus.

Analyticamente, é a *separação da Egreja e do Estado;* é a *liberdade plena* da impiedade e da blasphemia; é uma *constituição* hoje jurada, amanhã rasgada e atirada ao vento; é a plebe esmagando o governo, ou o governo esmagando a plebe; é a licença dos cultos, dos divorcios e das opiniões; é a familia *precaria,* sem tradição, sem futuro; é o *casamento civil, o baptismo civil, o enterro civil; é a deusa razão, a emancipação da carne* e o descaso pagão; é o Papa prisioneiro; é a abolição dos votos religiosos, a usurpação dos bens e direitos da Santa Egreja, a oppressão das consciencias, em uma palavra, é a violação de toda a ordem divina estabelecida por Jesus Christo.

Eis o que é a Revolução. Transportae a desordem, a confusão que ainda ha pouco imaginavamos no mundo physico, para o mundo moral e social, e fareis uma idéa do mal profundo que agita em convulsões espantosas e ameaça de prompta dissolução as sociedades modernas, se Deus não vier, como esperamos, em nosso auxilio.

E isto por que? Porque se quer estab

Nº 1

Nesta quadra, teve d. Antonio grandes triumphos e o dolorosos mezes depois, salu em virtude da perdão da Coroa.

Nesta grave questão, foi sempre apoiado e acompanhado de todos os bispos do Brazil, na defesa dos direitos da Igreja, sem que nem sombra de desmerecimento da sua alta dignidade de bispo e de filho da Igreja.

Como cessava outrora o estrumido das balanças ao Salz annunciar a entrada do Deus sacramentado na Igreja, o Dr. Antonio Pinheiro, o Dr. Antonio Pinheiro, o Dr. Antonio Pinheiro